

ALÉM DA SALA DE AULA: A CASA DO ARTESÃO AMAPAENSE COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM NÃO FORMAL NA CIDADE DE MACAPÁ/AP.¹

Selma Araújo Amaral ²
Eliane Aparecida Cabral da Silva ³

RESUMO

A singular localização da cidade de Macapá, à margem esquerda da foz do rio Amazonas na Linha do Equador, já sugere o seu grande potencial de espaço não formal de aprendizagem, sobretudo, para o estudo da geografia. Somam-se a sua localização geográfica outros espaços com essa mesma potencialidade: a orla do rio Amazonas, a Fortaleza de São José de Macapá, o marco zero do Equador o museu Sacaca, o Bioparque da Amazônia, a Casa do Artesão Amapaense, entre outros. Esses locais guardam e representam elementos naturais e sociais da identidade regional dessa porção amazônica. Nesse sentido, essa pesquisa de dissertação visa analisar a Casa do Artesão Amapaense como espaço de aprendizagem não formal na cidade de Macapá com ênfase para a geografia. Além disso, tem como metodologia a compreensão da produção social e dialética do espaço geográfico e da teoria sociocultural e socioconstrutivista de Vygotsky. Assim, este busca contribuir na melhoria da formação escolar, além de promover e valorizar o patrimônio cultural histórico e geográfico amapaense.

Palavras-chave: Cidade de Macapá; Geografia; Ensino; Casa do Artesão Amapaense; Socioconstrutivismo.

RESUMEN

La ubicación única de la ciudad de Macapá, en la margen izquierda de la desembocadura del río Amazonas en el Ecuador, ya sugiere su gran potencial como espacio de aprendizaje no formal, especialmente para el estudio de la geografía. Además de su ubicación geográfica, se suman otros espacios con este mismo potencial: el borde del río Amazonas, la Fortaleza de São José de Macapá, la zona cero del Ecuador, el museo Sacaca, el Bioparque da Amazônia, la Casa do Artesão Amapaense, entre otros. Estos lugares almacenan y representan elementos naturales y sociales de la identidad regional de esta porción de la Amazonía. En este sentido, esta investigación de tesis tiene como objetivo analizar la Casa do Artesão Amapaense como un espacio de aprendizaje no formal en la ciudad de Macapá con énfasis en geografía. Además, su metodología es la comprensión de la producción social y dialéctica del espacio geográfico y la teoría sociocultural y socioconstructivista de Vygotsky. Así, busca contribuir a mejorar la formación escolar, además de promover y valorar el patrimonio cultural histórico y geográfico de Amapá.

Palabras clave: Ciudad de Macapá; Geografía; Enseñando; Casa del Artesão Amapaense; Socioconstructivismo.

¹Este trabalho faz parte da dissertação de mestrado em andamento da linha 2 “Sociedade e Dinâmicas Territoriais” do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGeo/UNIFAP).

²Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGeo/UNIFAP da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). selma.aamaral22@gmail.com;

³Coautora e Orientadora Profª. Drª. do curso de Geografia da Universidade Federal do Amapá, lianecabral@unifap.br.

INTRODUÇÃO

A cidade de Macapá possui uma localização geográfica bem singular na foz do rio Amazonas na latitude 0°. Tem seu espaço urbano atravessado pela linha imaginária do Equador e distribuído entre os hemisférios norte e sul do planeta. Como se nota, a capital do estado do Amapá já desperta em sua localização um grande potencial de aprendizagem geográfica, a partir de relevantes elementos espaciais de escala geográfica global presentes em seu espaço urbano.

Macapá tem sua origem na vila colonial fundada em 1758 na segunda metade do século XVIII, mesmo período que foi erguida a imponente Fortaleza de São José de Macapá – FSJM, homônima ao pequeno núcleo urbano.

A cidade e o urbano de Macapá em seu desenvolvimento histórico e geográfico passaram de forma dialética a incorporar elementos naturais e culturais em seu espaço e paisagem urbana. Seja a secular Fortaleza de São José de Macapá ou formas espaciais mais recentes acrescidas e constituindo o seu espaço urbano como: o monumento do Marco Zero do Equador, a orla do rio Amazonas, o museu Sacaca, o Bioparque da Amazônia, a Casa do Artesão Amapaense que passaram a representar a identidade do lugar e podem ser considerados potenciais espaços de aprendizagem não formais da e na cidade de Macapá.

Na educação formal, o processo de aprendizagem ocorre tradicionalmente em ambientes escolares, como em instituições de ensino a partir de programas e conteúdos pré-determinados pautados na formação que conduz à certificação e titulação do indivíduo (GOHN, 2006; SANTOS, 2019). Já a educação não formal é aquela realizada em outros lugares ou ambientes diferentes das escolas e das Instituições de Ensino Superior – IES. São espaços que não foram criados, estruturados e formalizados com fins ao processo educativo padrão e estabelecido por lei, mas que podem ser utilizados como espaços de aprendizagem (JACOBUCCI, 2008).

Chama-se atenção que em relação a espaço de aprendizagem não formal existem duas categorias: os locais ou espaços que são institucionalizados e os que não são institucionalizados.

Os institucionalizados são os que dispõem de certo planejamento, estrutura física e pessoal qualificado, como monitores, técnicos, pesquisadores etc., ou seja, é um espaço mais preparado para uma prática educativa, como por exemplo: museus, centro de ciências e

pesquisas, parques ecológicos, observatórios, zoológicos. Já os espaços não institucionalizados são aqueles locais ou ambientes que possuem uma estrutura adequada para fins educativos, no entanto com planejamento por parte do docente, podem ser tornar excelentes espaços de aprendizagem (QUEIROZ et al., 2002).

Esse trabalho tem por objetivo analisar a Casa do Artesão Amapaense e sua potencialidade como espaço de aprendizagem não formal, sobretudo, para o aprendizado da ciência geográfica em virtude de suas obras/mercadorias representarem e conterem relevantes elementos naturais e culturais da espacialidade local e regional amapaense.

Entre as técnicas de pesquisas utilizadas estão: a) dados secundários: levantamentos bibliográfico, documentais, iconográficos, cartográficos e imagens; b) dados primários: visitas técnicas, entrevistas semiestruturadas e trabalhos de campo para caracterização de infraestrutura, anotações sobre atividades desenvolvidas e levantamento de imagens dos espaços de aprendizagem não formais.

METODOLOGIA

Para Triviños (2010) toda pesquisa pode ser, ao mesmo tempo, quantitativa e qualitativa. Essa questão dicotômica apoiado nos referenciais teóricos básicos, marxismo, fenomenologia e ainda o estrutural-funcionalismo (com muitas reservas porque este, com sua raiz positivista, assinala a oposição entre quantidade e qualidade, porém levanta a pesquisa qualitativa em oposição à quantitativa), estritamente não existe.

A partir desse posicionamento, essa pesquisa visa seguir os enfoques crítico-participativos, do tipo histórico-estrutural qualitativa e dialética, que parte da descrição que intenta captar não só a aparência do fenômeno, como também sua essência, através da identificação das causas da existência dele, procurando explicar sua origem, suas relações, suas mudanças e se esforça por intuir as consequências que terão para a vida humana (TRIVIÑOS, 2010).

“O conhecimento na perspectiva histórico e cultural de Vygotsky é uma produção social que emerge da atividade humana planejada e organizada em ações e operações de meios técnicos e semióticos” (CAVALCANTI, 2005, p 189).

O sociointeracionismo ou socioconstrutivismo prioriza a relação social e cultural da pessoa com o meio em que está inserido estimulando uma aprendizagem ativa. É através dessa interação com o meio e com as outras pessoas que se dará a aprendizagem. A atividade

humana é a produtora da aprendizagem, pois é por meio dela que o homem transforma a natureza e a constitui em objeto de conhecimento, de produção cultural, ao mesmo tempo em que se transforma em sujeito do conhecimento (CAVALCANTI, 2005, p 189)

O conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) formulado por Vygotsky serve para explicar as possibilidades de a aprendizagem influenciar o processo de desenvolvimento mental. Ele vai corresponder à distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e um nível de desenvolvimento potencial determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou colaboração com companheiros mais capazes (CAVALCANTI, 2005).

No contexto dessa pesquisa a aplicação do conceito de Zonas de Desenvolvimento Proximal poderá servir de estratégia para aprendizagem do conceito de região através da reflexão sobre a produção da cerâmica mineralizada, tanto em sua matéria prima, forma e técnica. Objetivando estimular processos mentais, funções e processos ainda não perceptíveis aos alunos, o que possibilita criar um caminho significativo de aprendizagem para a ciência geográfica no espaço não formal de aprendizagem da Casa do Artesão Amapaense.

A proposta de fomentar e explorar as ZDP para a aprendizagem da geografia leva em conta a mediação histórico cultural presente na realidade do aluno que pode ser despertadas através da experiência em grupo, de visita a espaços não formais de aprendizagem. Para o Vygotsky a aprendizagem do indivíduo não pode ser dissociada do contexto histórico, social e cultural em que está inserido. Para apreender e elaborar conhecimentos e se autoconstruir o ser humano precisa interagir com outros, com o meio e a cultura.

Destaca-se, durante a realização de trabalhos de campo, o uso da técnica de pesquisa da observação livre, que naturalmente “Observar” não é simplesmente olhar. Observar é destacar de um conjunto (objetos, pessoas, animais etc.) algo especificamente, prestando, por exemplo, ate não em suas características (cor, tamanho etc.). Observar um “fenômeno social” significa, em primeiro lugar, que determinado evento social, simples ou complexo, tenha sido abstratamente separado de seu contexto para que, em sua dimensão singular, sejam estudados em seus atos, atividades, significados, relações etc. (TRIVIÑOS, 2010).

REFERENCIAL TEÓRICO

Compreender o espaço como totalidade requer entender a realidade em sua integridade, como o conjunto de todas as coisas e de todos os homens por meio de suas

relações e de seu movimento. Quando a sociedade muda, o conjunto de suas funções muda em quantidade e qualidade. Trata-se de estudar as sociedades humanas em sua obra de permanente reconstrução do espaço herdado das gerações precedentes, através das diversas instâncias de produção social (SANTOS, 2008).

Nesse sentido, a opção teórica desse estudo fundamenta-se na perspectiva de produção social e dialética do espaço geográfico. “O qual deve ser compreendido como um produto histórico, um conjunto de objetos e ações, que revela práticas de diferentes grupos sociais que vivem, produz, lutam, sonham e (re) constroem um determinado lugar” (CASTROGIOVANNI, 2012, p.7).

Castrogiovanni (2012, p.11) conclui que: “o espaço é tudo e todos, compreende todas as estruturas e formas de organização e interações. E, portanto, a compreensão da formação dos grupos sociais, a diversidade social e cultural, assim como a apropriação da natureza por parte dos homens deve fazer parte também de um processo de alfabetização”.

Entre os princípios teórico-metodológicos de uma aula de geografia apontados por Callai (2012) estão: consciência espacial, olhar espacial, escala de análise, a natureza na análise geográfica, a paisagem, a estrutura e a formação do espaço e a dimensão histórica. Esses princípios vão ajudar para orientar na escolha de conceitos e categorias de análise entre as práticas de ensino da geografia a serem estudadas no espaço de aprendizagem não formal da Casa do Artesão Amapaense.

O conceito de região tem implicação tem uma implicação direta com os objetivos desse trabalho e a geografia foi o campo privilegiado destas discussões ao abrigar a região como um de seus conceitos-chave e ao toma a si a tarefa de produzir uma reflexão sistemática sobre este tema (GOMES, 2003).

A região a partir da concepção do materialismo dialético passa a ser trabalhada na ideia de uma totalidade sócio-espacial. A região é nessa perspectiva a síntese concreta e histórica dessa instância espacial ontológica dos processos sociais, produto e meio de produção e reprodução de toda a vida social (SANTOS, 2008). No entanto, Gomes (2003) ressalta o problema do enxerto dos instrumentos teóricos do materialismo histórico dialético, não surgindo um conceito de região efetivamente operacional e, muitas vezes, a ideia evolucionista e mecanicista predominou revestida de um vocabulário marxista. O que provoca em muitas situações a totalidade sócio-espacial se transmuta na velha ideia da síntese regional, reforçando assim as concepções metodológicas da geografia clássica.

Elementos recentes na discussão sobre o conceito de região evidenciam a relevância do conceito de globalização no discurso dos geógrafos, ideia que expressa: economia unificada, de uma dinâmica cultural hegemônica, de uma sociedade que só pode ser compreendida como um processo de reprodução global.

Assim, a região surge com força em reflexões sobre o tema da política, da cultura, das atividades econômicas atreladas à questão espacial da centralidade e uniformização em sua relação com a diversidade e o desejo de autonomia (GOMES, 2003).

Por fim, se a região é um conceito que funda uma reflexão política de base territorial, onde se coloca em jogo comunidades de interesse identificadas a certa área e, se põe em discussão os limites da autonomia face a um poder central (GOMES, 2003). A presença do conceito de região na metodologia dessa pesquisa tem o afã de servir como instrumento para reconhecer e analisar as particularidades da Amazônia amapaense através das obras/mercadorias presentes no espaço não formal de aprendizagem da Casa do Artesão, sobretudo, diante de contexto de globalização.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em termos de caracterização e identificação de alguns espaços de aprendizagem não formais localizados na cidade de Macapá com potencialidades para o desenvolvimento de atividades voltadas a prática do ensino da geografia podemos destacar:

Orla do rio Amazonas – corresponde para esse estudo o espaço de contato entre a área urbanizada mais central da cidade de Macapá com a margem esquerda do rio Amazonas em sua foz, trata-se de um espaço não institucionalizado. Ao longo dessa orla estão localizados praças, feiras, trapiches e terminais hidroviários. Destacam-se as praças do Zagury, do Cocô, da Beira Rio, da Fortaleza e do Araxá; as feiras do Perpétuo Socorro e a Feira do Açaí; os terminais hidroviários do Jandiá, a rampa do bairro Santa Inês e a Doca do Perpétuo Socorro.

Nesse espaço de aprendizagem não formal tem entre outras potencialidades o estudo da hidrografia a partir do vai e vem das marés do rio Amazonas, da dinâmica econômica da geografia regional existente na circulação de pessoas e cargas entre a cidade de Macapá com as ilhas que compõem o arquipélago marajoara, entre os principais produtos estão o açaí, camarão, peixe, frutas e madeiras.

Fortaleza de São José de Macapá – Local institucionalizado sob a gestão do estado do Amapá de visitação pública onde funciona o museu da fortaleza. Além de ser um ponto de

partida para a compreensão da gênese da vila colonial de São José de Macapá e início da ocupação da região e possível do alto de suas muralhas vê a área central e comercial de Macapá;

Monumento do Marco Zero do Equador – Estrutura turística onde se destaca a linha do Equador dividindo os hemisférios norte e sul e obelisco que possibilita vê o enquadramento do sol sob a linha do Equador durante o fenômeno do equinócio, que ocorre duas vezes ao ano nos meses de março e setembro. Esse espaço apesar de ser institucionalizado apresenta um área externa livre para visita sem acompanhamento;

Bioparque da Amazônia – Parque que tem como destaque a biodiversidade natural da região com possibilidade de observação de elementos da fauna e flora Amazônica, Chama-se atenção a paisagem das áreas de ressacas, denominação local para campos alagáveis de alimentação hídrica fluvial e pluvial. Corresponde a um espaço institucionalizado sob a gestão do Governo do Estado do Amapá – GEA e do Instituto de Pesquisas do Amapá – IEPA;

No que trata da **Casa do Artesão Amapaense**, objeto de estudo dessa dissertação, a mesma constitui-se como um espaço institucionalizado localizado na orla central histórica de Macapá. Nele pode ser encontrar e comprar produtos regionais como bebidas, bombons, sabonetes, biscoitos, chocolates, cestarias e artesanatos em madeira, argila, biojóias etc. A casa do artesão possui a forma de grande oca indígena amazônica.

A Casa do Artesão Amapaense está localizada na orla central e histórica da cidade de Macapá na Rua Francisco Azarias da Silva Coelho Neto S/N. Possui uma arquitetura em forma circular que faz referência a uma oca dos povos tradicionais, conforme pode se observar-se na figura 01.



Figura 01 – Casa do Artesão na orla central de Macapá/AP.
Fonte: Selma Amaral (Maio/2023)

Em trabalho de campo exploratório na Casa do Artesão Amapaense observou-se que as peças artesanais estão distribuídas e organizadas por setores identificados por placas denominadas: cestaria, cerâmica, cerâmica mineralizada, madeira, espaço povos tradicionais, mel, óleos e sabonetes, bebidas e bio-joias.



Figura 02: Cerâmica mineralizada de manganês
Fonte: Selma Amaral (Maio/2023)

Como exemplo de potencialidade das obras/mercadorias da Casa do Artesão Amapaense para a aprendizagem geográfica, pode-se fazer referência às cerâmicas

mineralizadas com o pó de manganês (Figura 02). Técnica desenvolvida por Nina Barreto Nakanishi, pioneira das artes e educação no Amapá. Essas peças artesanais podem servir para conduzir ao conhecimento do importante ciclo da mineração do manganês no Amapá explorado pela Indústria e Comércio de Minérios SA – ICOMI no período de 1957 a 1997, dinâmica socioeconômica que deixou marca na regionalidade amapaense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa caminha em seu processo para a compreensão que as obras/mercadorias expostas na Casa do Artesão Amapaense são resultantes de expressões culturais decorrente do processo de formação territorial do Amapá e dessa porção da Amazônia. Portanto, trazem em si elementos naturais e culturais da espacialidade local e regional amazônica e amapaense. É a partir desse princípio que as mesmas podem ser exploradas para o desenvolvimento da aprendizagem geográfica.

Conceitos geográficos como paisagem, região, lugar, território, natureza e dinâmicas da natureza e da sociedade em sua relação na produção do espaço geográfico são possíveis de observação e de aplicação empírica nesses espaços de aprendizagem não formais.

Os espaços de aprendizagem não formais observados estão subutilizados em virtude da ausência ou ineficiência de políticas públicas voltadas ao processo de aprendizagem, por possuir infraestrutura total ou parcialmente inadequada, informações desqualificadas e falta de conhecimentos sistematizados em relação às práticas de ensino com potencialidades a se desenvolver nesses espaços.

O desenvolvimento de políticas públicas e intervenções urbanas em diferentes escalas de poder voltadas a revitalizar, requalificar e adaptar a infraestrutura de espaços de aprendizagem não formais da cidade de Macapá, em conjunto com projetos educacionais em diferentes níveis de formação voltados ao ensino da geografia, interdisciplinar e outras ciências, vão contribuir na melhoria da formação escolar, promoção e valorização do patrimônio cultural histórico, geográfico e turístico da cidade de Macapá e do Amapá.

Assim, essa pesquisa busca gerar conhecimento sobre espaços não formais de aprendizagem na cidade de Macapá, em particular de temas geográficos voltados à realização de práticas para o ensino da geografia para além da sala de aula. Tem o afã também de contribuir para o uso otimizado desses espaços públicos para fins pedagógicos e, para

valorização e reconhecimento do patrimônio natural, histórico, cultural e paisagístico existente na cidade do meio do Mundo.

REFERÊNCIAS

CALLAI, Helena C. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antônio C (Org.); CALLAI, Helena C.; KAERCHER, Nestor A. **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 10ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2012. p.p 71- 112.

CASTROGIOVANNI, Antônio C. Apreensão e compreensão do espaço geográfico. In: CASTROGIOVANNI, Antônio C (Org.); CALLAI, Helena C.; KAERCHER, Nestor A. **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 10ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2012. p.p 11- 70.

CAVALCANTI, Lana de S. Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino da geografia In: **Cadernos CEDES**. Campinas, vol,25, n.66, p.185-207, maio/ago. 2005. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>

GOHN, M. da G.; **Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., v.14, n.50, p. 27-38, 2006.

GOMES, Paulo César da Costa. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, Iná E. de; GOMES, Paulo César da C.; CORRÊA, Roberto L. (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. 5 ed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2003. p.p. 49-76.

JACOBUCCI, D.F.C. **Contribuições dos espaços não formais de educação para a formação da cultura científica**. Em Extensão, v. 7, p. 55-66, 2008.

QUEIROZ, Glória et al. Construindo saberes da mediação na educação em museus de ciências: o caso dos mediadores do museu de astronomia e ciências afins/ Brasil. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**. v. 2, n. 2, p. 77-88, 2002.

SANTOS, Jonathas Jesus dos. **Espaços não formais no ensino da geografia: a importância do observatório astronômico Antares em Feira de Santana/BA**. Revista Ensino de Geografia (Recife) V. 2, No. 1, 2019. DOI: <https://doi.org/10.38187/regeo2019.v2n1id240473>

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. (1ª. ed., 1978). 6ªed. - reimpressão. São Paulo: Edusp, 2008.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. Pesquisa Qualitativa. In.: TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em Educação**. São Paulo: Editora Atlas, 2010, p. 116-166.